In: DUARTE, Marcelo (org.). **Inéditos viáveis: caminhos e desafios da educação contemporânea**. Porto Alegre: Triálogo, 2026.

DOI: 10.70513/ineditos-viaveis.05

O livro infantil como material pedagógico e cultural em Pinheiro Machado/RS: alfabetização, literatura e patrimônio local

Marcelo Rodrigues Barboza Duarte
Universidade Federal do Pampa, marcelorbduarte@gmail.com

Introdução

Pinheiro Machado é um município da região da Campanha, no sul do Rio Grande do Sul, com pouco mais de onze mil habitantes, segundo o Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2023). Boa parte de sua população vive no interior, em localidades distantes da sede, e as escolas rurais convivem com o desafio de garantir às crianças o acesso a livros, bibliotecas e bens culturais. Ao mesmo tempo, o município guarda uma história rica, que começa no pequeno povoado de tropeiros e carreteiros reunido em torno de uma cacimba e passa por episódios decisivos da história do estado, como a Batalha de Porongos, em 1844.

Foi nesse contexto que surgiu o projeto cultural "Pequenos leitores: despertando o interesse pela leitura e trilhando o caminho da alfabetização", contemplado em primeiro lugar no Edital de Chamamento Público nº 224/2024 do município, com recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (BRASIL, 2022). O projeto teve como objetivo produzir e distribuir gratuitamente um livro infantil ilustrado voltado às crianças em fase de alfabetização, com versões acessíveis, de modo que cada criança do 1º ano das escolas públicas do município recebesse o seu exemplar.

Este capítulo relata essa experiência e reflete sobre ela à luz do pensamento de Paulo Freire, em especial do conceito de inédito viável, entendido como aquilo que ainda

não existe, mas que pode ser construído coletivamente a partir da superação das situações-limite do presente (FREIRE, 1992). O objetivo é propor o livro infantil local como material pedagógico, capaz de articular alfabetização, literatura e conhecimento do município. O texto está organizado em cinco partes, além desta introdução: a primeira apresenta o referencial que orienta a proposta; a segunda descreve o projeto e seus resultados; a terceira trata do território e de sua história como conteúdo de leitura; a quarta apresenta propostas de uso pedagógico do livro em sala de aula; e a quinta apresenta o desdobramento do projeto em um novo livro, seguida das considerações finais.

Leitura do mundo, leitura da palavra e o inédito viável

Para Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a leitura da palavra implica a continuidade da leitura do mundo. Aprender a ler e a escrever, nessa perspectiva, não se reduz à decodificação de sinais gráficos: é um ato de conhecimento que se enraíza na experiência concreta de quem aprende, nas palavras e nos lugares que dão sentido à sua vida. Ao lembrar a própria alfabetização, Freire descreve o quintal da casa da infância, as árvores, os pássaros e as palavras do seu mundo como o primeiro texto que aprendeu a ler.

Essa compreensão dialoga com os estudos sobre alfabetização e letramento, que distinguem a aprendizagem do sistema de escrita das práticas sociais de leitura e escrita, sem separar uma da outra (SOARES, 2003; 2020). A criança aprende a ler e a escrever de forma mais significativa quando encontra textos que lhe dizem respeito, que circulam em sua comunidade e que fazem sentido para além das atividades escolares. A Base Nacional Comum Curricular reconhece os dois primeiros anos do Ensino Fundamental como o período em que a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, e destaca o papel da literatura na formação do leitor (BRASIL, 2018).

A literatura infantil ocupa aqui um lugar especial. Mais do que um recurso didático, o livro ilustrado é um objeto cultural que convida a criança a imaginar, a reconhecer-se e a reconhecer o outro (COLOMER, 2007). Quando a história se passa em lugares que a criança conhece e é protagonizada por uma personagem com quem ela se identifica, a leitura da palavra encontra a leitura do mundo de forma concreta.

O conceito de inédito viável completa esse quadro. Em Pedagogia da esperança, Freire (1992) afirma que as situações-limite, aquilo que parece dado e imutável, podem ser percebidas e superadas por meio de atos-limite, que abrem caminho para o que ainda não existe, mas é possível. Em um município pequeno, com escolas rurais distantes e poucos livros que falem da realidade local, a falta de literatura sobre o próprio lugar pode parecer uma situação dada. O projeto aqui relatado partiu da convicção de que essa situação pode

ser superada: é possível, com recursos públicos e articulação com as escolas, escrever, ilustrar, imprimir e entregar às crianças livros que falem delas e de sua terra.

O projeto "Pequenos leitores" e o livro de Sarinha

O projeto foi elaborado e inscrito no Edital nº 224/2024 – Fomento à Cultura, do município de Pinheiro Machado, com recursos da PNAB, e foi contemplado em primeiro lugar, com nota 92, conforme o resultado final homologado pelo Edital nº 231/2024. A execução ocorreu entre dezembro de 2024 e novembro de 2025 e envolveu as etapas de pesquisa e planejamento pedagógico, escrita do texto, acompanhamento da ilustração e da editoração, produção das versões acessíveis, impressão e distribuição dos livros.

O resultado foi o livro ilustrado "As Aventuras de Sarinha: Aprendendo a Ler e Escrever", em que a personagem Sarinha, uma menina curiosa, vive a descoberta das letras, das palavras e da leitura. O texto foi pensado para crianças em fase de alfabetização, com frases curtas, repetição de estruturas e ilustrações que dialogam com o texto. Para que todas as crianças pudessem ter acesso à obra, inclusive as com deficiência, o livro ganhou versão digital gratuita, audiolivro e vídeo em Libras, disponível gratuitamente no YouTube.

A distribuição foi feita de forma gratuita, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto (SMEC). Mais de 110 exemplares impressos foram entregues a crianças do 1º ano do Ensino Fundamental das escolas municipais São João Batista, Avelino, Manoel Prisco, Senador e Ana Tereza da Rosa e da escola estadual Colégio Hipólito Ribeiro, além de professoras e bibliotecas escolares. A entrega nas escolas foi acompanhada pela Coordenação Pedagógica da SMEC entre março e abril de 2026, já com as turmas formadas no novo ano letivo. O lançamento foi noticiado pela imprensa local e regional, nos veículos PinheirOnline, Tribuna do Pampa e Jornal Minuano.

Dois aspectos da experiência merecem destaque. O primeiro é o princípio de que cada criança recebesse o seu próprio exemplar. Em muitas famílias, aquele foi um dos primeiros livros da criança, um objeto que leva para casa, mostra aos familiares e relê com eles. O livro, assim, ultrapassa os muros da escola e chega ao ambiente familiar, ampliando as oportunidades de contato com a leitura. O segundo é a inclusão das escolas da periferia e do interior do município, garantindo que o acesso ao livro não dependesse da distância da sede.

O território como texto: história e patrimônio de Pinheiro Machado

A experiência com o primeiro livro mostrou a força de histórias próximas da realidade das crianças e, ao mesmo tempo, revelou uma carência: há poucos livros infantis que apresentem às crianças a história, os lugares e a cultura do próprio município. A partir dessa constatação, desde maio de 2026, o autor dedicou-se à pesquisa histórica sobre Pinheiro Machado, com o objetivo de transformar a memória do lugar em literatura para a infância.

A origem do município está ligada aos caminhos das tropas que cruzavam a Campanha. Um pequeno agrupamento de tropeiros e carreteiros formou-se em torno de uma cacimba, poço de água onde os viajantes e os animais matavam a sede, e, segundo a tradição local, por isso o lugar passou a ser conhecido como Cacimbinhas. A freguesia de Nossa Senhora da Luz das Cacimbinhas foi criada pela Lei Provincial nº 358, de 1857, e elevada à categoria de vila pela Lei Provincial nº 1.132, de 2 de maio de 1878, com território desmembrado de Piratini (IBGE, [s.d.]). Em 1915, o município passou a chamar-se Pinheiro Machado, em homenagem ao senador José Gomes Pinheiro Machado (IBGE, [s.d.]).

No interior do município está o Cerro de Porongos, onde, na madrugada de 14 de novembro de 1844, ocorreu a penúltima batalha da Revolução Farroupilha e o massacre dos Lanceiros Negros, soldados negros que lutavam nas fileiras farroupilhas. Por décadas silenciada, essa memória vem sendo recuperada pelo movimento negro, que realiza ali atos anuais, e pelas pesquisas históricas, e o sítio histórico passou por processo de reconhecimento como patrimônio cultural (BRASIL DE FATO, 2026). Trata-se de uma memória fundamental para a história do Rio Grande do Sul e do Brasil e para a educação para as relações étnico-raciais.

Na sede e no interior, outros lugares contam a história da cidade: a praça central, ponto de encontro dos pinheirenses; a Igreja Matriz Nossa Senhora da Luz, ligada à padroeira que dá nome à antiga freguesia; o Teatro Municipal; o casarão da Prefeitura; as cacimbas que deram origem ao nome antigo; a Guarda Velha; a Pedra de Torrinhas, no distrito de Torrinhas; e a antiga estação ferroviária, que guarda a memória do trem na vida da cidade. Cada um desses lugares pode ser lido como um texto, no sentido freireano, e apresentado às crianças como parte de sua própria história.

A educação patrimonial, entendida como processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999), oferece aqui um caminho. Quando a criança reconhece na página do livro a praça por onde passa, a igreja que frequenta ou a história contada pelos avós, o patrimônio deixa de ser algo distante e passa a ser vivido como seu.

O livro como material pedagógico: propostas para a sala de aula

Um livro infantil local não precisa ser transformado em livro didático para ter valor pedagógico. Ao contrário: é justamente por ser literatura que ele mobiliza o interesse das crianças e abre espaço para a conversa, a imaginação e a pergunta. As propostas a seguir são sugestões para professoras e professores do 1º e do 2º ano, que podem adaptá-las à sua turma, e foram pensadas para preservar a experiência literária, sem reduzir a leitura a exercícios.

a) Leitura compartilhada e roda de conversa. A professora lê o livro em voz alta, mostrando as ilustrações, e convida as crianças a antecipar o que vai acontecer, a relacionar a história com suas próprias experiências e a dizer o que mais gostaram. No caso de "Sarinha descobre Pinheiro Machado", cada parada da personagem pode render uma conversa: quem já esteve naquele lugar, o que sabe sobre ele, quem da família conhece alguma história ligada a ele.

b) Banco de palavras do lugar. A partir da leitura, a turma escolhe palavras ligadas ao município, como cacimba, praça, igreja, teatro, trem, estação, cerro e pedra, e constrói um banco de palavras ilustrado na parede da sala. Essas palavras, significativas para as crianças, tornam-se ponto de partida para o trabalho com o sistema de escrita: contar letras e sílabas, comparar inícios e finais, formar novas palavras, no sentido das palavras geradoras propostas por Freire.

c) Mapa afetivo de Pinheiro Machado. Com base no percurso de Sarinha, as crianças desenham o caminho de casa até a escola e os lugares do município que conhecem, montando coletivamente um grande mapa da cidade e do interior. A atividade aproxima a leitura literária dos conhecimentos de geografia e história locais e valoriza as crianças das escolas rurais, cujos lugares também passam a fazer parte do mapa.

d) Conversa com os mais velhos. Assim como Sarinha ouve histórias de pessoas da comunidade, as crianças podem perguntar a avós, familiares e vizinhos sobre como era a cidade antigamente, sobre o trem, a praça ou as cacimbas. As respostas, trazidas à escola oralmente ou registradas com a ajuda da família, alimentam a roda de conversa e mostram às crianças que a história do lugar também é feita de memórias de pessoas próximas.

e) Produção de textos. Conforme o nível de escrita de cada criança, a turma pode produzir legendas para os próprios desenhos, listas de lugares visitados, bilhetes ou cartões-postais de Pinheiro Machado e até uma nova aventura de Sarinha em

um lugar que o livro não mostrou. A produção pode ser coletiva, com a professora como escriba, ou individual.

f) Leitura acessível e inclusiva. As versões em audiolivro, com audiodescrição das ilustrações, e em Libras permitem que todas as crianças participem da leitura, inclusive as com deficiência visual ou auditiva. Assistir ao vídeo em Libras com a turma também é uma oportunidade de apresentar às crianças a Língua Brasileira de Sinais e de conversar sobre inclusão.

g) Saída de estudo. Sempre que possível, a leitura pode culminar em uma visita a um dos lugares do livro, como a praça central, a Igreja Matriz ou o Teatro Municipal, em que as crianças refazem, no próprio território, o percurso da personagem. Nas escolas rurais, a visita pode ser a um lugar significativo da própria localidade.

Essas propostas dialogam com as orientações da BNCC para os anos iniciais, que articulam as práticas de leitura, oralidade e produção de textos no componente de Língua Portuguesa e indicam o estudo do lugar de vivência nos componentes de História e Geografia (BRASIL, 2018). Mais do que um roteiro fechado, elas indicam possibilidades para que o livro circule na escola como objeto cultural e como material pedagógico ao mesmo tempo.

Do primeiro livro ao próximo: Sarinha descobre Pinheiro Machado

O desdobramento natural da experiência é um novo livro em que Sarinha, a personagem que as crianças do município já conhecem, volta em uma nova aventura e percorre os pontos turísticos, históricos e culturais de Pinheiro Machado. Em cada parada, Sarinha visita um lugar, ouve uma história contada por alguém da comunidade e descobre uma curiosidade sobre o município. A proposta mantém os princípios do primeiro projeto: linguagem adequada às crianças em alfabetização, distribuição gratuita de um exemplar para cada criança do 1º e do 2º ano das escolas públicas, versões acessíveis em formato digital, audiolivro e Libras, e rodas de contação de histórias na cidade e nas escolas rurais.

O novo livro foi pensado como material de leitura literária e, ao mesmo tempo, como apoio ao trabalho das escolas com a história e a geografia locais. Ao reunir literatura, alfabetização e patrimônio, a proposta busca fazer da cidade o primeiro livro que a criança aprende a ler, para usar a imagem de Freire (1989), e do livro uma forma de conhecer e valorizar a cidade.

Nesse percurso, o inédito viável se renova. O primeiro livro mostrou que é possível produzir, com recursos públicos de fomento à cultura, literatura infantil de qualidade,

acessível e gratuita, feita no e para o município. O próximo passo é fazer com que essa literatura conte a história do próprio lugar, ampliando o vínculo das crianças com a leitura e com o território em que vivem.

Considerações finais

A experiência do projeto "Pequenos leitores" mostra que políticas públicas de fomento à cultura, como a PNAB, podem ter impacto direto na formação de leitores quando articuladas às escolas e às secretarias de educação. A produção de um livro infantil local, distribuído gratuitamente e com versões acessíveis, permitiu que crianças do 1º ano das escolas públicas de Pinheiro Machado, da cidade e do interior, tivessem o seu próprio livro em uma fase decisiva da alfabetização. Mais do que um presente, esse livro pode ser assumido pelas escolas como material pedagógico, a partir de propostas simples de leitura, conversa, escrita e exploração do território.

A continuidade da pesquisa sobre a história e o patrimônio do município aponta para um caminho em que a literatura infantil se torna também instrumento de educação patrimonial e de valorização da memória local, incluindo memórias por muito tempo silenciadas, como a dos Lanceiros Negros em Porongos. Ler a palavra e ler o mundo, nesse sentido, tornam-se gestos inseparáveis: a criança que aprende a ler as palavras do livro aprende, também, a ler a sua cidade.

Como limite deste relato, registra-se que ele se baseia nos registros de execução do projeto e no acompanhamento das entregas, sem uma investigação sistemática dos efeitos do livro sobre a aprendizagem das crianças. Estudos futuros podem ouvir professoras, famílias e crianças para compreender como o livro foi lido e utilizado em sala de aula e em casa.

Referências

BRASIL. Lei nº 14.399, de 8 de julho de 2022. Institui a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL DE FATO. 182 anos após traição aos Lanceiros Negros, Cerro de Porongos avança para tombamento. **Brasil de Fato**, 16 nov. 2026. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2026/11/16/182-anos-apos-traicao-aos-lanceiros-negros-cerro-de-porongos-avanca-para-tombamento/. Acesso em: 27 nov. 2026.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

DUARTE, Marcelo Rodrigues Barboza. **As Aventuras de Sarinha**: aprendendo a ler e escrever. 2025. DOI: 10.70513/as-aventuras-de-sarinha-ler-escrever.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN; Museu Imperial, 1999.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**: população e domicílios – primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IBGE. **Pinheiro Machado (RS)**: histórico. Biblioteca IBGE, [s.d.]. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtb/riograndedosul/pinheiromachado.pdf. Acesso em: 27 nov. 2026.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.